

# O ISPA e a Instituição Psiquiátrica nos anos 80

## — Algumas notas

JOÃO AZEVEDO E SILVA (\*)

### I — INTRODUÇÃO

A Cadeira de Psicopatologia Clínica do Adulto (4.º ano; área clínica; ISPA) propôs-se colaborar nas Comemorações dos 25 anos do ISPA por diversas razões, que parecem mais ou menos evidentes mas onde resalto a grande importância sócio-cultural que este aniversário adquire dada a projecção que o Instituto Superior de Psicologia Aplicada alcançou no mundo da psicologia portuguesa — e não apenas; recordem-se os contactos internacionais existentes — conduzindo à obrigação, para o ISPA, de se criar um espaço cada vez mais significativo, não apenas dentro dos territórios da Psicologia em Portugal como no Mundo.

Também razões várias aconselharam que dessemos — como docência — a nossa colaboração sob a forma de *mesa redonda* girando em torno dum tema que eu próprio sugeri que fosse intitulado de: «*O ISPA e a Instituição Psiquiátrica nos Anos 80*».

---

(\*) Chefe do Serviço de Psiquiatria do Hospital Miguel Bombarda, Grupanalista Didáctico da SPGA e Psicanalista da SPP, sócio titular da SPS, STF, APP, Presidente do CEIMB e responsável pelo PSMI. Docente encarregado da Cadeira de Psicopatologia Clínica do Adulto, 4.º ano ISPA.

O significado e motivo de ser dum tal título serão esclarecidos já de seguida, mas primeiro gostaria de vos apresentar — pleno de intencionalidade — não só os componentes da Mesa mas outros colaboradores da Cadeira ainda que eventualmente ausentes hoje (apresentação muito sumária mas suficiente para fundamentar a intencionalidade que lhe atribuí).

Se bem que sejam, quase todos, já conhecidos da maioria de vós, o meu desejo de os apresentar deve-se ao facto de me parecer que lhes devo *prestar* homenagem pelo papel que têm desempenhado no alargamento e consolidação do tal ESPAÇO que, penso, ao ISPA compete conquistar. São eles:

Como colaboradores directos — assistentes — da Cadeira:

— Fernanda Sousa Ribeiro — A mais antiga dos colaboradores da cadeira; Psicóloga pelo ISPA; Membro da SGA, com longo treino psicanalítico, colaborando no Programa de Saúde Mental Integrada (PSMI) da Equipe de Lisboa — 1.º Bairro, do HMB; e tendo trabalhado vários anos na Equipe 1 do Centro de Saúde Mental Infantil de Lisboa (CSMIL). Sócia do Centro de Estudos e Investigação Miguel Bombarda (CEIMB).

— José António C. Teixeira — Que no ISPA, a partir deste ano lectivo de 87/88, tem vários outros encargos para além de assistente da Cadeira de Psicopatologia Clínica do Adulto; Médico Psiquiatria, assistente do HMB; membro do CEIMB.

— José Eduardo Martins — Assistente da Cadeira; Médico Psiquiatria, assistente do HMB; sócio da SPGA; membro do CEIMB.

— Isabel Leal — Assistente da Cadeira; Psicóloga pelo ISPA, em vias de ultimar o seu doutoramento em Louvaine; neste anos de 87/88 com vários novos encargos de docência no ISPA; membro da SPGA; responsável no departamento de Formação dos HCL.

— Fernanda Frazão da Cunha — cuja nomeação reservei para o fim por motivos muito pessoais que se estribam no longo convívio que nos liga, vindo desde os tempos da Escola de Medicina de Lisboa. Médica Psiquiatria; assistente da Cadeira; assistente convidada da cátedra de Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas de Lisboa (Universidade Nova); assistente do HMB; sócia da SPGA, acrescentando ao seu notável currículo duas particularidades muito importantes: uma longa experiência como médica (generalista e hematologista) nos HCL e na clínica privada, que lhe dá um significativo recorte médico; a sua excepcional disponibilidade para atender e apoiar tanto alunos como profissionais — psicólogos ou médicos, sem distinção — em estágios formativos.

Colaboram nas aulas práticas e a título gracioso:

— Filomena Fortes, médica interna de Psiquiatria do HMB; colaboradora do PSMI; membro da SPGA e Teresa Silva Pinto, médica e Psicóloga pelo ISPA; interna livre do HMB e membro da SPGA.

Prestam também colaboração, não tão directa mas não menos preciosa, todos quantos trabalham no núcleo aglutinado em torno da Dra. Dilette Azevedo e Silva e que

constituem um importante embrião daquilo que eventualmente virá a ser um primeiro Serviço de Psicologia do HMB, espécie de lança viva no ceio hospitalar; são eles:

— Dilette Azevedo e Silva — Psicóloga pelo ISPA; licenciada pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação de Lisboa, Curso de Ciências Pedagógicas da FLL; licenciada em Filologia Germânica pela FLL; Psicóloga do Quadro do HMB e responsável pelo seu *Serviço de Psicologia*, antiga Psicóloga do Quadro do Centro de Saúde Mental Infantil de Lisboa; membro da SPP — sendo o primeiro Psicólogo a ser admitido nesta sociedade; membro da SPGA; sócio do CEIMB; colaboradora activa do PSMI.

— Ana Maria da Cunha — Psicóloga pelo ISPA; membro da SPGA; Psicóloga do PSMI (HMB) com largos anos de trabalho no Centro de Saúde Mental Infantil de Lisboa e no Instituto Superior de Psicologia Aplicada; membro do CEIMB.

— Beatriz Romão — Psicóloga pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação de Lisboa; treino grupalítico; Psicóloga do PSMI e membro do CEIMB.

— Lubélia Magalhães — Psicóloga pelo ISPA; treino grupalítico; membro do CEIMB; trabalhando em regime livre no PSMI.

— José Alberto Bastos e Silva — Engenheiro; Psicólogo pelo ISPA; membro da SPGA e do CEIMB; Consultor de Informática no PSMI.

— Maria Graça Mexia — Psicóloga pelo ISPA; técnica especializada em preparação para o parto controlado (largos anos de experiência, sendo um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento do método em Portugal); treino grupalítico.

— Maria Manuela Fernandes — Psicóloga pelo ISPA; licenciada em Matemática; professora liceal e professora de estatística do ISPA; treino grupalítico; colabora com o PSMI e o Serviço de Psicologia do HMB, com especial destaque para o papel que tem

desempenhado na organização de projectos científicos de investigação e formação.

— Laurinda Rodrigues da Silva — licenciada em Direito, Advogada; membro da SPGA, do CEIMB e do PSMI, tendo uma função muito especial ao procurar esclarecer articulação em problemática que abarque, simultaneamente, Doença ou Saúde Mental e Direitos Humanos.

E muitos outros elementos: alunos, profissionais em post-graduação que, ao fazerem os seus estágios ou em simples voluntariado, têm dado uma valiosa colaboração às diferentes actividades que, na Instituição Psiquiátrica, servem de apoio à Instituição Psicologia (ou que entre ambas geram conflito).

E este algo cansativo *enunciar* de nomes e habilitações que acabo de fazer foi intencional, pretendendo sublinhar quanto esforço está investido no processo de abertura do tal espaço Psicologia-ISPA face à Instituição Psiquiátrica concreta que é o Hospital Miguel Bombarda profundamente implantado nas estruturas da psiquiatria portuguesa.

Posto o que entrarei numa espécie de prelúdio ao tema principal, prelúdio onde abordarei aquilo que posso designar como:

## II — AS RAÍZES DO PROCESSO HISTÓRICO DAS RELAÇÕES DO ISPA — INSTITUIÇÃO PSIQUIÁTRICA MIGUEL BOMBARDA NOS ANOS 80

E, na medida em que sou narrador e participante activo no processo, terei de fazer algumas referências às minhas próprias relações com o fenómeno Psicologia em Portugal, do que me desculpo.

De facto essas minhas relações têm, também, o seu processo histórico, aliás já, proporcionalmente, bastante longo, se tivermos em conta que se trata duma comemoração de vinte e cinco anos de existência. E acontece que uma grande parte dessas mesmas

relações se têm efectuado através da charneira ISPA, se bem que não apenas; o que me permite — e é isso que mais interessa agora — trazer para aqui, de memória, alguns apontamentos que me parecem interessantes e importantes recordar, pois são achegas significativas, para a história do ISPA e da Psicologia, e que às vezes parece querer-se olvidar. Assim:

Como é, provavelmente, sabido de todos vós — pelo menos a nível da zona sul do País — até ao 25 de Abril de 1974 a situação da Psicologia, no que se refere a ensino e profissionalização, se não era caótica, era-o quase. Realmente o ensino praticava-se de forma bastante dispersa e mal sistematizada, fazendo-se num departamento de Psicologia da Faculdade de Letras de Lisboa, na Cadeira de Psicologia Médica da Faculdade de Medicina (Clássica) de Lisboa, no Instituto de Orientação Profissional de Lisboa, em sectores não vocacionados especificamente para o ensino, como o COOMP, etc.

E ensinava-se, de forma organizada, numa única Escola Superior voltada exclusivamente para o Ensino Superior da Psicologia, Aplicada — o ISPA, então ligada às congregações religiosas e de cujas várias vicissitudes ouviram o Professor Armando de Castro falar, bem como os Drs. Frederico Pereira e Antonius Van Zelst, na sessão de abertura deste ciclo de comemorações.

Por outro lado, a nível de actividade profissional, se bem que várias pessoas praticassem «psicologia», o então Sindicato dos Psicólogos tinha inscritos, salvo erro dado que cito de memória, apenas cerca de trinta e cinco (35) profissionais, das mais diversas origens escolares e entre eles, pelo menos, dois médicos e um advogado.

Após o 25 de Abril de 74 muita coisa se tentou mudar; destas maneiras:

Vários profissionais da Psicologia — ou a ela ligados de perto — ensaiaram reorganizar «o espaço da psicologia» — refiro-me sobretudo à zona Sul, que conheço mais de perto — e aglutinaram-se em torno

do Sindicato. É difícil recordar todos os nomes que se destacaram então, tantos foram, mas devo lembrar alguns tais como Helena Cidade Moura, Luís Soczka, Dilette Azevedo e Silva, Joaquim Bairrão, Vitor Moita, Jorge Vala, Filipe Reis, José Gabriel Pereira Bastos, Paula Marques, Graça Galamba, Maria Benedita Monteiro, Marques Matias e outros.

Neste contexto, o Sindicato reestrutura-se, estabelece normas mais correctas — na ocasião — para acesso à carteira profissional e ao título de psicólogo sem, no entanto, e nunca é demais sublinhá-lo, menosprezar direitos validamente adquiridos por anteriores filiados e profissionais.

E o Sindicato dos Psicólogos adquire tal projecção e importância que está, então, inscrito na CGTP — Intersindical, à data a maior central sindical (única, aliás, creio; e vinda de tempos difíceis no que se refere a repressão).

Recordo-me até que Helena Cidade Moura e Dilette Azevedo e Silva chegaram a tomar parte num dos Congressos da Intersindical, realizado no, então, Pavilhão dos Desportos (Carlos Lopes, hoje) como representantes do Sindicato dos Profissionais de Psicologia e a convite daquela organização sindical.

E, na sua qualidade de profissionais — psicólogos sindicalizados, foram recebidas com respeito e consideração por operários, bancários, metalúrgicos, rurais, etc., nessa altura aglutinados em torno de sindicalistas de renome como Kalidás Barreto, José Luís Judas e tantos outros.

Todo este processo de organização do espaço da Psicologia na Zona Sul do País teve um dos seus primeiros picos expressivos no I Encontro Nacional dos Profissionais de Psicologia, subtulado de «Psicologia para o Povo» (ou equivalente) em 1976, nas salas da Fundação Calouste Gulbenkian, e do qual é importante lembrar alguns factos de que me é possível falar de simples memória, por diversas circunstâncias. Realmente, a minha actividade profissional (psiquiatra,

psicanalista, grupanalista, tendo ensinado Psicologia na Escola Artur Ravara — só mais tarde no ISPA), os contactos pessoais que mantinha com muitos psicólogos e, talvez, o reconhecimento duma certa dedicação e experiência que eu tinha na organização de movimentos afins (sobretudo na dinamização e organização em instituições psiquiátricas da zona sul) fizeram com que fosse convidado frequentemente, pelos psicólogos que se organizavam, para estar presente como observador, apoiante ou mesmo participante activo.

Tanto assim, que no referido I Encontro Nacional dos Profissionais de Psicologia, fui encarregado de organizar uma «Mesa» sobre «Intervenção Psicológica em Saúde Mental — Intervenção Psicológica e desmistificação do conceito de Doença Mental».

Como responsável pela redacção da abertura da Mesa introduzi um subtema ainda hoje actual: «Para-médicos e para-psicólogos» onde ironizava a atribuição da categoria de para-médicos aos psicólogos — e que ainda é de uso em textos oficiais. Aliás, contribuí, nesse Encontro, com outros temas e intervenções, como por exemplo: «Breves contribuições para a discussão sobre um curriculum do prático da intervenção psicológica em Saúde».

Tratava-se de uma Mesa e de grupos de trabalho que, no I Encontro, procuraram definir qual o curriculum teórico e prático que devia ser ofertado e exigido àqueles profissionais que estivessem vocacionados para a «intervenção psicológica na doença e promoção de saúde mental» (vulgo: os psicoterapeutas).

Grupos de trabalho, estes, que foram particularmente activos e ricos.

Mas, houve ainda colaboração da minha parte, neste tipo de matérias noutras oportunidades; por exemplo, no VII Congresso Mundial de Psiquiatria Social apresentara uma comunicação intitulada «Mudança Social acelerada e contribuição prática para a desalienação do conceito de doença men-

tal», comunicação de que guardo a mais grata memória pois era o resultado do trabalho conjunto de médicos psiquiatras e psicólogos (alunos e estagiários do ISPA). É agradável recordar que foram co-autores:

— Eu próprio — então já chefe da Clínica de Psiquiatria.

— Dr. João Carlos Pinto Trincão — hoje professor no ISPA e então médico interno de Psiquiatria na minha Equipe.

E ainda, todos oriundos do ISPA e que gostaria de nomear à laia de pequena homenagem:

— Maria Teresa Reis Ferreira — hoje a trabalhar na TV, julgo;

— Maria de Lurdes Barreiros Nunes — hoje praticando para os lados de Coimbra;

— João Alves Pereira;

— Maria Margarida Marques Ascensão;

— Maria de São José Alves Gante;

— Justino Rodrigues da Silva — completando o seu avançado treino em grupanálise; trabalhando nas Forças Armadas; e, por fim

— António Alberto da Conceição Duarte — psicólogo que tantos de vós conheceram como um dos bibliotecários do ISPA, sempre disponível, atento e bem informado.

Mas voltemos ao I Encontro Nacional de Psicologia, dado que não é demais sublinhar a sua extrema importância uma vez que dele resultaram decisões e actos muito significativos.

Assim, cimentou-se a firme disposição dos psicólogos para conseguirem a criação de Faculdades de Psicologia Estatais pelo menos nas três principais cidades do País, como era de hábito. Para tal conseguiram organizarem-se numa *Comissão* de todas as instituições que já estivessem significativamente envolvidas no ensino da Psicologia. De memória, recorde: ISPA, Departamento de Psicologia da FLL, Cátedra de Psicologia Médica da Faculdade de Medicina de Lisboa (Clássica), Instituto de Orientação Profissional, COOPM e Sindicato dos Psicólogos... pelo menos. E alguns nomes:

— Professor Joaquim Bairrão Ruivo, COOMP (ISPA);

— Dilette Azevedo e Silva, Sindicato dos Profissionais de Psicologia ISPA e Centro de Saúde Mental Infantil de Lisboa;

— Professor Breda Simões, Instituto de Orientação Profissional;

— Professor José Luís Simões da Fonseca, Cátedra de Psicologia Médica da FML (Psiquiatria);

— Representante do Departamento de Psicologia de Lisboa;

— José Gabriel Pereira Bastos, ISPA.

E outros, cujo nome agora não me ocorre e do que peço desculpa.

Esta Comissão obteve um consenso alargado e começou a trabalhar de imediato até que foi afastada por Sotto-Mayor Cardia, à data a figura predominante do governo na área do Ensino; Este *nomeou* uma outra comissão, perfeitamente fora do contexto, o que, do meu ponto de vista, foi muito grave a vários níveis, não sendo o de menor gravidade o fosso então recriado — e que estava em vias de resolução — entre o ensino Universitário, estatal, da Psicologia e o doutras instituições, especialmente o ISPA que na época era a escola superior com mais experiência e impacto de ensino na área.

De qualquer modo esse I Encontro foi ainda importante para o ISPA pois dele resultou a conquista de umas novas instalações — na Feira Popular, embora, e onde esteve anos — e um apoio e reconhecimento «mais oficial». Era então Secretário de Estado para o Ensino Superior, o Engenheiro António Brotas e seu chefe de gabinete o Dr. António Lopes Vieira, aos quais muito se ficou, então, devendo neste campo. E, desculpem-me a aparente imodéstia, as minhas próprias intervenções, junto dos dois, foram importantes também.

Chegamos assim, convenientemente apetrechados ao tema central desta Mesa, a saber: Os Anos 80 para a Psicologia Portuguesa — a noção de Conflito. Os Primórdios, o Presente e o Futuro.

III — OS ANOS 80. A NOÇÃO DE CONFLITO. OS PRIMÓRDIOS, O PRESENTE E O FUTURO DAS RELAÇÕES DA PSICOLOGIA — ISPA E A INSTITUIÇÃO PSIQUIÁTRICA

Um dos primeiros aspectos que gostava de abordar era a noção de *Conflito*.

Realmente impõem-se ainda algumas observações prévias que penso que devem ter particular relevo, uma vez que os comentários que se seguem — como os que antecederam — tocam, frequentemente, em situações muito polémicas e em temas altamente conflituosos, envolvendo Psicólogos e a Instituição Psicologia face a Psiquiatras e à Instituição Psiquiátrica. Portanto, antes de continuar, um alerta se impõe:

É frequente julgar-se — ou fingir que se julga — resolver a compreensão da agitada problemática das relações entre Psicólogos e Psiquiatras numa maneira extremamente simplista; diz-se: trata-se ao fim e ao cabo de CONFLITOS entre Psicólogos e Psiquiatras à procura do PODER, coisificando assim os processos, universalizando *todos* os Psicólogos e *todos* os Psiquiatras e colocando-os em mera luta por um Poder deificado.

Uma tal visão é falsa, por reducionista e promove a alienação.

De facto a noção de *Conflito*, luta pelo Poder, etc., tem outras origens e entendimentos muito mais complexos. Surge também entre médicos-psiquiatras — e de que maneira — entre os psicólogos e não apenas entre psiquiatras e psicólogos. Embora não possa abordar agora, aqui, detalhadamente o assunto, ele é tanto assim que já em 1973 procurei organizar um Colóquio que, comemorando os 125 anos de existência do Hospital Miguel Bombarda, versasse sobre «a noção de conflito e a sua repercussão na psiquiatria»... Colóquio que não se realizou exactamente por causa dos conflitos que existiam entre os próprios psiquiatras.

Para esse *gorado* Colóquio fizera um escrito — que publiquei mais tarde — fri-

zando e demonstrando como certos «técnicos» e «Quadros» procuram, alienada ou intencionalmente, confundir a problemática das «contradições e conflitos»: tentam dar às chamadas contradições não antagónicas, resolúveis pelo diálogo, educação e outros meios de consertação, um cunho de contradições antagónicas, estas, sim, só resolúveis pela «luta hostil e pela guerra». E quanto às contradições de facto antagónicas — a luta de classes (não de grupos) económicas opostas, por exemplo — retiram-lhe aquele colorido aguerrido e abordam-nas apenas tecnocraticamente.

Assim: aos conflitos que existem — sobretudo numa economia de mercado — entre grupos profissionais ou «classes profissionais» como Psicólogos e Psiquiatras, procuram imprimir o cunho de contradições antagónicas irreductíveis. Mas, face às lutas existentes entre classes económicas (produtores e tenentes da produção), disfarçam, alheiam-se e dizem-se tecnocratas. Por tudo gostava de insistir neste ponto, antes de continuar numa matéria tão delicada.

Entre Psiquiatras e Psicólogos existem conflitos, contradições *não antagónicas*, resultantes basicamente numa existência comum dentro dum mesmo espaço dominado pela economia de mercado (escasso) e também algumas diferenças de formação. Procurar dar outra leitura é «dividir para governar» subjugando e submetendo tanto psiquiatras como psicólogos.

E, assim entendidos, podemos passar adiante, aos Anos 80 e dentro destes ao:

*O Passado — Primórdios — 1.ª Parte, com o subtítulo de: Os espaços da Psicologia — ISPA no início dos anos 80.*

Nessa época já estão, no País, várias instituições ocupando-se especificamente do ensino superior de Psicologia: As Faculdades Estatais de Psicologia e Ciências da Educação (Lisboa, Porto e Coimbra) e o ISPA.

No entanto, e que eu saiba, pelo menos a nível da Zona Sul do País, nenhuma dessas

Instituições (mais seguramente: as da Zona Sul) têm relações clara e directamente estabelecidas com as principais instituições estatais onde a Psicopatologia Clínica ou a Clínica psicológica das Doenças Mentais e a promoção de Saúde Mental se praticam.

Simplificando o *dizer*: a nível da Zona Sul — pelo menos — nenhuma das Escolas Superiores de Psicologia e Faculdades tem um espaço oficializado por protocolos e acordos convenientes, adentro das Instituições do Ministério da Saúde que sejam responsáveis pela assistência psiquiátrica, ou melhor pela assistência na Doença Mental e encargo na promoção de Saúde Psíquica; nomeadamente: Hospital Júlio de Matos, Serviços de Psiquiatria e Psicologia do Hospital Escolar de Santa Maria, Centro de Saúde Mental Infantil de Lisboa; nem mesmo com o COOMP, creio.

Excepção feita, na actualidade, para o ISPA — a mais antiga Escola de ensino superior de Psicologia — e o Hospital Miguel Bombarda, o mais antigo hospital psiquiátrico do País.

Julgo saber! E salvo informação mais actualizada; o que aliás não viria, no entanto, *mudar* significativamente a panorâmica geral.

Uma tal carência, sobretudo na área do ensino prático da Psicologia Clínica é gravemente importante.

No entanto, nos primórdios dos anos 80, nem o acordo atrás referido existia. E a nível de relações ISPA — Hospital Miguel Bombarda (mas não apenas) tentava-se criar um espaço: havia alguns alunos do Instituto e recém-formados a estagiar em algumas equipas assistenciais; eu próprio estava encarregado officiosamente, a nível interno, de apoiar psicólogos e alunos, quer directamente junto da equipe que chefiava, quer formalmente, controlando as assiduidades através do «livro de ponto» e dar autorizações de estágios de alunos e psicólogos nas diversas equipas hospitalares... O que era muito pouco mas representava já um esforço

para conquistar terrenos de intervenção prática para a psicologia clínica.

No que diz respeito aos chamados «Lugares do Quadro», nestes primórdios dos anos 80, existiam aproximadamente: no Hospital Júlio de Matos — 5 ou 6; Hospital de Santa Maria — não recordo exactamente mas se os houvesse não seriam muitos mais; Centro de Saúde Mental Infantil de Lisboa — também os 5 ou 6; Faro, uns 2. Quanto ao Hospital Miguel Bombarda, o mais antigo do País, com cinco sectores assistenciais prefazendo um valor total de cerca de um milhão e quinhentos mil habitantes: primeiramente não existia nem um único psicólogo do quadro (nem quadro para tal); recentemente: 1 Psicólogo do Quadro.

Isto não obstante eu próprio, quer por iniciativa pessoal quer quando convidado a isso, e outros, termos já feito propostas de Quadros com números que rondavam por um mínimo de 12 psicólogos para o Hospital Miguel Bombarda. Aliás, recordo-vos que a OMS sugeria então os seguintes números: Psiquiatras — 1 para cada 10 mil habitantes; Psicólogos — *também* 1 para cada 10 mil habitantes.

E que, num plenário de representantes das Instituições Psiquiátricas da Zona Sul do IAP, reunido em Setúbal no ano de 1976, apontou-se — atendendo às limitações do País, em técnicos e naquela época — a necessidade de 1 Médico-Psiquiatra para 40 mil habitantes e 1 Psicólogo *também* para 40 mil habitantes.

Esta era a panorâmica geral — e muito pela rama — das relações entre a Psicologia Institucionalizada, naquilo que se refere a espaços oficiais de intervenção na clínica e promoção de Saúde Mental, para a Psicologia.

Vejamos agora,

### *O Passado — 2.ª Parte*

Nos finais do ano lectivo de 1981/82 fui convidado para me encarregar, durante o

período escolar de 82/83, da docência da Cadeira de Psicopatologia Clínica do Adulto — 4.º ano da área clínica, ISPA.

Posteriormente viria a ser convidado para me encarregar igualmente da docência da Cadeira de Psicopatologia Geral do 3.º ano, tendo, no entanto, aceite apenas seleccionar os responsáveis pela docência e assegurar a orientação do ensino na cátedra; assim engrenaram no corpo docente daquela: Drs. Fernanda Frazão, José António C. Teixeira, Eduardo Martins e Isabel Leal que após um ano lectivo viriam a ser transferidos — por razões internas, do próprio ISPA, e que não vêm agora ao caso — para colaborarem comigo na situação em que se encontram actualmente: assistentes da cadeira.

Quando fui abordado, de imediato e ao aceitar a eventualidade — que veio a concretizar-se — de assumir aquela docência, insisti, desde logo, que a cadeira não versasse a Psicologia Geral do Adulto mas que se estruturasse como uma docência de Psicopatologia Clínica do Adulto, o que é muito diferente, como sempre sublinho aos alunos.

Insisti, também, para que a cadeira deixasse de se praticar em dois módulos (I e II, semestrais) mas sim se processasse como uma cadeira anual. Tentei ainda introduzir a prática dos exames orais como uma forma mais dignificante de apreciar os conhecimentos dos discentes.

Como nota importante convém frizar que, para estas diversas iniciativas, encontrei sempre a maior abertura de parte dos corpos dirigentes do ISPA.

Persistentemente temos — os meus colaboradores e eu — procurado dar à Cadeira de Psicopatologia Clínica do Adulto (4.º ano, área clínica, ISPA) o nível e organização que, a meu ver, lhe compete para conseguir os seus fins: Um ensino de Clínica com nível Universitário.

Nessa mira temos introduzido constantes inovações na matéria teórica e sua práxis, recorrendo ao auxílio de outros serviços e técnicos, um esforço que se tem alargado a

uma vasta equipe a quem o ISPA deve estar grato e que por tal razão desejei que estivessem hoje aqui presentes, ou em pessoa ou, simplesmente, ao nomeá-los como fiz no início, insistentemente.

E noto, desde já, que quando, na *Mesa*, falarmos das relações, no presente, do ISPA com a Instituição Psiquiátrica Hospital Miguel Bombarda, o Dr. José António C. Teixeira dar-vos-à uma panorâmica sumária da organização actual da Cadeira de Psicopatologia Clínica; e as Dras. Fernanda Sousa Ribeiro, Ana Maria da Cunha, Beatriz Romão e Lubélia Magalhães, falarão dos seminários clínicos e estágios (escolares e pos-graduação) com os quais procuramos não só enriquecer o ensino da matéria como alargar e estruturar o espaço das relações mútuas entre a Instituição Psicologia-ISPA e a Instituição Psiquiátrica-Hospital Miguel Bombarda. Sempre na preocupação de criar, clarificar e alargar o referido espaço, tenho procurado institucionalizar e oficializar as relações em causa, o que foi conseguido através de dois documentos estabelecendo, oficialmente, acordos de cooperação entre o ISPA e a equipe Assistencial de Lisboa — 1.º Bairro do HMB, por um lado; e o mesmo ISPA e o Serviço de Psicologia do HMB, por outro lado.

Acordos que foram assinados (sujeito a rectificação) em 31/10/85, altura em que se encontrava no Conselho de Gerência do Hospital, o Dr. Jorge Leão de Miranda, que muito insistiu na sua efectivação o que viria a mostrar-se muito útil e a quem o ISPA, por isso mesmo, está devedor. Aliás, também devedor se deve sentir o ISPA aos seus corpos gerentes actuais pois sempre encontrei neles, como disse, apoio para estas iniciativas, dentro dos limites realistas em que têm de operar, evidentemente.

E assim se conseguiu — tanto quanto sei — um dos primeiros, senão o primeiro e mesmo, ainda, o único acordo protocolado e oficializado entre uma Instituição vocacionada especificamente para o ensino superior

da Psicologia (o ISPA) e uma Instituição, Estatal, de prestação de cuidados psiquiátricos e de promoção de saúde mental.

O que é, a vários títulos, uma aquisição importante. E entramos, assim, no presente.

### *O Presente*

Muito gostaria de continuar a conversar convosco, pois trata-se dum tema empolgante para mim, mas a minha intervenção já vai longa pelo que terei de resumir a descrição da situação do presente e dar a palavra aos outros componentes da Mesa, deixando o *resto* para uma eventual discussão.

No presente — e segundo o que me tenho informado — o ISPA mantém contactos com várias instituições onde os seus alunos e profissionais em graduação podem sensibilizar-se à prática da clínica institucionalizada e fazê-lo segundo tutelas que são garante para estagiários, praticantes e utentes. São as seguintes algumas dessas Instituições oficiais, e para além do Hospital Miguel Bombarda:

— Hospital Júlio de Matos — vários Serviços e Equipas.

— Hospital Escolar de Santa Maria — Serviço de Psicologia; Serviço de Pediatria.

— Hospital Militar — Serviço de Psicologia; Serviço de Cirurgia.

— Inst. Port. de Oncologia — Serviço de Pediatria.

— Centro de Saúde Mental Infantil de Lisboa.

— Centro de Profilaxia da Droga.

— Centro das Taipas.

— Várias CERCIS — Lisboa, Amadora, etc.

— Centro de atendimento de Autistas.

— Inst. Pina Manique (Casa Pia de Lisboa).

— Misericórdia de Lisboa — diversos Serviços.

— Centro de Paralisia Cerebral.

— Serviços Prisionais.

— Serviço Tutelar de Menores.

— Alguns Centros de Saúde... etc.

O que é uma gama assaz vasta. Mas...

Mas, a maioria destas relações não estão institucionalizadas nem protocoladas claramente, assentando apenas na boa vontade de uns quantos. E, mesmo aquelas que já estão assentes sobre acordos devidamente protocolados, como no caso do Hospital Miguel Bombarda, estão sujeitas a inúmeros obstáculos e vicissitudes. Basta recordar as dificuldades levantadas por uma Comissão de Delegados Ministeriais que recentemente geriu o HMB e que no ano lectivo de 86/87 chegou ao extremo de tentar considerar os acordos existentes como ilegais (o que é simplesmente espantoso...). Não devemos esquecer que o psicólogo ainda é, entre nós e para muitas Instituições, «um ente que vem de novo», um estrangeiro; e, como tal, uma figura óptima para servir de bode expiatório e paga culpas.

Acresce que, por enquanto, o número de lugares do Quadro para técnicos de psicologia, dentro das instituições psiquiátricas e de Saúde Mental estatais, é muitíssimo limitado; as vagas praticamente nulas. Além de que, até há pouco tempo (até surgirem os primeiros *licenciados* em Psicologia) os profissionais oriundos do ISPA só tinham acesso a lugares de técnico de laboratório e não de técnico superior de Psicologia. Nesse aspecto a conquista do direito à licenciatura pelo ISPA em 1982/83 foi um acontecimento de extraordinária relevância.

De qualquer forma a situação continua a ser muito difícil, pelo que há necessidade de estar atento e continuar a empregar esforços para organizar o presente e programar o futuro; a preocupação com o nível de formação teórica e prática é importantíssima: por razões de correcção profissional e até porque em 1992 o mercado português deverá estar eventualmente aberto aos técnicos estrangeiros, em excedente na CEE.

Pela nossa parte — Cadeira de Psicopatologia Clínica do Adulto, 4.º ano — esta-

mos a tentar passar à prática todas estas preocupações nos seguintes moldes:

A nível do presente, envidando esforços no sentido de alargar o espaço da Psicologia-ISPA dentro do território das Instituições oficiais de assistência na doença mental e de promoção de Saúde Psíquica, tanto quanto esteja ao nosso alcance. O que aliás procuramos fazer sem facciosismos; assim, quando falamos em Instituição Psicologia-ISPA trata-se duma imposição do concreto real: razões objectivas levam-nos a ter mais contacto com o ISPA do que com outras entidades da psicologia às quais estamos abertos. Também, aqui, falamos de Psicólogos e de alargamento do espaço destes por se tratar do aniversário do ISPA e de assuntos relacionados sobretudo com a Psicologia, pois também nos preocupa o espaço dos psiquitras e a sua carreira de momento sob um ataque cerrado.

Continuando, porém. Tem sido, e continua a ser, algo que tem exigido grande esforço de muitos — como tem ressaltado de várias intervenções destas jornadas comemorativas; e é disso mesmo que venho a procurar consencionalizar, ou melhor, a colaborar na consencionalização — de alguns mais distantes de toda esta problemática e sua importância.

E tudo isto porque acreditamos — no nosso grupo da Psicopatologia — na superioridade das atitudes e intervenções multidisciplinares.

Quanto aos principais campos de força da *nossa* acção posso esquematizá-los — que o tempo não dá para mais — como se segue.

*Primeiro:* Organização dum campo geral de fundo onde o psicólogo possa actuar e demonstrar a sua utilidade e necessidade. Nesse fundo, destacam-se os seguintes focos:

1 — Actos de Psicologia *Clínica*: consultas psicológicas, exames psicométricos, relatórios, aconselhamento psicológico e psicopedagógico; e, em circunstâncias bem definidas, acompanhamentos psicológicos (vulgo: psicoterapias).

2 — Actos de intervenção nas Comunidades, tanto intra-hospitalar como extra-hospitalar; consultadoria a técnicos.

O que está institucionalizado, essencialmente, sob a forma dum programa de intervenção que designamos como PSMI (Programa de Saúde Mental Integrada) que tem levado a cabo várias acções onde os psicólogos — profissionais, alunos e estagiários — têm tido um papel importante; acções significativas várias como, além das acima indicadas, os I e II Encontros de Cuidados Primários de Saúde Mental do 1.º Bairro de Lisboa, o I, II e III Seminários de Psicopatologia, etc. Institucionalizado também sob a forma de um Serviço de Psicologia do Hospital Miguel Bombarda (em formação); dos Seminários Clínicos de apoio à Cadeira de Psicopatologia Clínica do Adulto, etc.

Destes aspectos vão falar-vos as Dras. Fernanda Sousa Ribeiro, Ana Maria da Cunha, Beatriz Romão e Lubélia Magalhães que na área têm trabalhado quer sob a minha orientação a nível de PSMI quer, sobretudo, sob a orientação próxima, directa e diária da Dra. Dilette Azevedo e Silva (a nível de Serviço de Psicologia, PSMI, Seminários Clínicos de apoio à Cadeira de Psicopatologia, outros seminários, intervenções na comunidade e Encontros).

*Segundo:* Organização de núcleos de ensino, centrados essencialmente em torno da actividade de docência da Psicopatologia Clínica do Adulto, dos Seminários anuais de Psicopatologia Clínica — O Corpo e a Mente — do Centro de Estudos e Investigação Miguel Bombarda (CEIMB). E destes aspectos vos falará o Dr. José António Carvalho Teixeira.

### *O Futuro*

Não é possível alongar-me muito mais, pelo que terei de abordar o tema de uma forma extremamente esquemática, esperando

que várias das facetas e particularidades possam ser ventiladas no período de discussão que se seguirá. E assim:

É evidente, por tudo quanto disse, que os caminhos para o futuro não se perspectivam fáceis. Pelo contrário, há que multiplicar esforços e vencer dificuldades; muitos destes aspectos foram já — e serão ainda seguramente — referidos ao longo destas Jornadas Comemorativas dos 25 anos do Instituto, mas as linhas de acção a nível de relações ISPA e Hospital Miguel Bombarda — relações essas que se centrarão em grande parte, julgo, em torno da equipe assistencial que chefiou no hospital (por razões várias o digo, não sendo a de menor importância o facto do ISPA ter as suas instalações no 1.º Bairro de Lisboa, área de cuja ocupação com os cuidados de saúde mental cabe à referida equipe) — as linhas de acção, dizia, seguirão os seguintes grandes vectores, a partir do Hospital Miguel Bombarda:

- 1 — Núcleo de Ensino — Centrado sobre a Cadeira de Psicopatologia e sobre os estágios escolares e pos-graduação, convindo dar à vertente prática destas actividades a máxima extensão.
- 2 — Núcleo de Intervenção Comunitária, que procurará desenvolver actividades nos dois níveis da comunidade, a saber:  
Comunidade intra-hospitalar, procurando dinamizar os corpos institucionais, como sejam, enfermarias, consultas, clubes de doentes, etc; formas de actividade onde profissionais e alunos poderão receber treino de

intervenção em instituições deste género.

Comunidade extra-hospitalar, que é sem dúvida um dos níveis comunitários que mais perspectivas abre para o desenvolvimento do espaço Psicologia Clínica — ISPA, permitindo encarar a hipótese de um foco de intervenção clínica *directa* do Instituto e equipe Lisboa — 1.º Bairro. Hipótese que já foi, em tempos, abordada e que pensamos retomar a fim de estudar a sua viabilidade.

Quanto a acções de iniciativa partindo, sobretudo, do lado do ISPA:

Intervenções junto das autoridades competentes, com vistas à criação de lugares do quadro para Psicólogo (mapas e quadros de pessoal) compatíveis com as realidades assistenciais; de facto, um quadro com um lugar único de psicólogo para uma instituição que tem a seu cargo uma população de um milhão e quinhentos mil habitantes, não faz sentido.

E também intervenções na Comunidade em que está inserido o próprio Instituto; o que nos merece a maior atenção, tanto assim, que entre outras práticas, organizámos uma das vertentes mais significativas dum chamado Projecto ISPA — o subprojecto de Saúde Mental Integrada — candidato a um importante apoio do Fundo Social Europeu e sobre o qual aguardamos notícias.

E termino agradecendo a vossa atenção e solicitando os comentários que vos pareçam úteis.